

VIAGENS NA MINHA TERRA (memórias de uma rodagem)

No Verão passado atravessei Portugal para filmar o meu projecto: um *road-movie* sobre um país que se atravessa em seis horas de norte a sul e em hora e meia de leste a oeste.

A paisagem que percorremos, o João Ribeiro e eu, era o Portugal pós-Euro 2004 e prestes a entrar no governo provisório de Santana Lopes. É um país parecido com a imagem que todos nós ainda temos da “nossa terra”, mas que já deixou de corresponder à realidade e é quase irreconhecível, como num postal.

Foi esse pensamento que me levou a querer fazer este filme e que esta viagem, feita num velho Mercedes, apelidado de Rocinante, veio confirmar, por vezes, de forma assustadora.

Portugal é hoje um território em profunda transformação, uma mistura do que foi com uma ideia de América, que por sua vez, já foi importada e reformulada pela Europa Central.

As auto-estradas rasgaram literalmente o país criando uma falsa ideia de velocidade, porque não me parece que esta esteja a ser acompanhada por uma maior rapidez de acção ou de pensamento em geral.

A paisagem é adulterada e violada por todos, com os poderes políticos de todos os partidos e os construtores civis à cabeça, perante o olhar passivo da maioria de nós. O mais próximo a que os governos e o poder local tem chegado de uma política ambientalista e consequente, é a criação de inúmeros campos de golfe. Muitos destes não são mais do que paisagens ficcionadas, que sugam a água do subsolo secando a natureza original, e acessíveis apenas a alguns.

A agricultura está em vias de extinção.

Tudo parece ser feito em nome de uma mais-valia económica.

A construção peca, não só pela falta de qualidade e de gosto, mas também pelo seu tamanho e localização: gigantescas áreas comerciais copiadas dos Estados Unidos e que aí não sobressaem no vasto espaço existente, são aqui encaixadas entre uma aldeia e uma vila. Grandes vivendas são construídas em áreas protegidas na orla marítima, já ameaçada pelo próprio mar. Outras ainda são construídas à beira de auto-estradas ruidosas. O espaço público é maltratado ou povoado por atrozes monumentos a que se chama de “arte pública”. O espaço privado é cada vez mais egoísticamente encerrado entre cercas, muros e grades por mais pequeno que seja.

Debaixo ou sobre esta paisagem escondem-se memórias individuais e colectivas e outras realidades. Basta abrir os jornais para nos apercebermos de algumas delas: cadáveres encontrados numa montanha, crianças abusadas, desastres de automóvel.

Enfim, era Verão e o João e eu trabalhávamos de manhã à noite. Chegávamos aos hotéis e pensões prontos para dormir, tão cansados estávamos. Mas, ao ver o material filmado em cada dia, fui apercebendo-me de como é difícil mostrar a extensão de um deserto num ecrã. E não conseguia adormecer...

A temperatura subia, mas o céu estava continuamente branco, o que era mau para a ideia de filme que eu tinha em mente. O país estava a banhos, as praias e as piscinas cheias de gente, incêndios por todo o lado, trânsito intenso com o sempre presente ruído de carros, motas e buzinas. Em todos os cafés e restaurantes ouvia-se música ou televisão e, por vezes, as duas em simultâneo. No dia em que a temperatura subiu aos 43 graus estávamos nós a filmar no meio de uma paisagem ardida no dia anterior.

O João desesperava porque raramente conseguíamos outro acompanhamento para as nossas refeições do que batatas fritas oleosas, com alguma sorte existia salada, invariavelmente de tomate e alface.

Eu só conseguia pensar na letra de uma música do Morrissey: *Hide on the promenade, etch a postcard: How I dearly wish I was not here in the seaside town that they forgot to bomb, Come, come, come - nuclear bomb...*

Mas não era isto que eu queria para o meu filme? Não era este caos que eu andava à procura e que me tinha feito meter nesta espécie de aventura?

A realidade superou as minhas expectativas e, sim, era isto que eu queria para o meu filme.

O problema é que não era isto que eu queria para o meu país.

NY, 23 de Abril de 2005

Daniel Blaufuks